

COMENTÁRIOS CRÍTICOS DE LEIBNIZ A PARTIR DO MANUSCRITO ORIGINAL DA
BIBLIOTECA RÉGIA DE HANÔVER

LEIBNITII ANIMADVERSIONES EX AUTHOGRAPHO BIBLIOTHECAE REGIAE
HANOVERANAE

G. W. Leibniz (1646-1716)

Trad.: Húdson Canuto⁹⁰

In praefatione ait Christianos primitivos ab
Hebraeis philosophiam accepisse, sed a Platoniceis
potius acceperere, a quibus ipsi Iudaei, ut Philo.

Ele⁹³ diz, no prefácio, que os cristãos
primitivos receberam a filosofia por meio dos
hebreus, mas receberam principalmente por via
dos platônicos, como os próprios judeus, a
exemplo de Fílon [de Alexandria]⁹⁴.

Antiquissimam Hebraeorum philosophiam
sectatus est Benedictus de Spinoza e gente Lusitana

Na opinião de nosso autor, Benedito de
Espinosa, judeu de origem portuguesa, seguiu a

90 Húdson Canuto é professor no IFAL e mestre em filosofia pela UFS, email: hudson.canuto@ifal.edu.br. A presente tradução e série de notas foram feitas em colaboração com a pesquisa desenvolvida pelos professores Rodrigo Pinto de Brito e William de Siqueira Piauí da qual parte será publicada como conteúdo do artigo “Brevíssima apresentação da *réfutation inédite de Spinoza par Leibniz* (ou: Leibniz e a Cabala)”, a ser publicado na *Revista Sképsis*, no presente ano. Para aprofundamento dos temas que aparecem neste texto, gostaríamos de indicar o livro *Leibniz e a Linguagem I línguas naturais, etimologia e história*. Curitiba Kottter Editorial, 2019.

93 Leibniz escreve estes comentários por ocasião da leitura do livro de Johann Georg Wachter, chamado: *Elucidarius Cabalisticus sive Reconditae Hebraeorum Philosophiae Brevis & Succincta Recensio* (Romae, 1706). Todas as vezes que ele escreva o autor é a Wachter que se está referindo.

94 Fílon de Alexandria (em grego: Φίλων ὁ Ἀλεξανδρεὺς, Philôn Ho Alexandreus, latim: Philo Iudaeus, “Fílon, o judeu”, hebraico: פִּילוֹן הַאֵלֶכְסַנְדְּרוֹנִי, Fylôn Haleksandrôny) foi um filósofo judeu helenizado (c. 20 e.c. - c. 45 e.c.). Contemporâneo com os primórdios da era cristã, viveu em Alexandria, que era então o grande centro intelectual do Mediterrâneo. A cidade tinha uma forte comunidade judaica da qual Fílon era um dos representantes junto às autoridades romanas. Sua abundante obra é principalmente apologética, pretendendo demonstrar a combinação perfeita entre a fé judaica e a filosofia helênica.

Iudaeus nostro auctoris iudicio cui si credimus, Spinoza divinitatem Christi universae religionis agnovit. Sed miror quomodo hoc dici possit, cum auctor agnoscat Christi resurrectionem a Spinoza negatam.

Quidam Augustinus (I. P. Speeth. vid. Ep. Spen.) diu apud Knorrium Solisbaci egerat, sed pertaesus credo suae conditionis, Iudaeus factus, Mosem se Germanum vocabat. Contra eum scripserat auctor librum dictum: *die vergotterte Welt*; cum in hominem Amstelodami incidisset, ibi Spinosam et Mosem hunc impugnat et Cabbalam Hebraeorum simul, quod ex mundo faciat Deum. Sed postea visus est sibi rem rectius agnovisse. Nunc ergo Hebraeorum Cabbalam et Spinosam tuetur, ostenditque Deum et mundum ab ipsis distingui: Sed in eo parum satisfacit. Nam Deus his est velut substantia, creatura velut accidens Dei. Budaeus in Obs. peculiari Halensi scripserat defensionem Cabbalae Hebraeorum contra auctores quosdam modernos. Idem argumentum tractavit in introductione ad Historiam philosophiae Hebraeorum, ibi auctoris librum. doctius impugnavit. Auctor nunc et se ipsum corrigit et domino Budaeo

mais antiga filosofia dos hebreus, e, se dermos crédito ao autor, Espinosa reconheceu a divindade da religião universal de Cristo. No entanto, admiro-me de ele poder dizer isso, visto que [nosso]⁹⁵ autor reconheça que Espinosa negue a ressurreição de Cristo.

Certo Agostinho (J. P. Speeth. veja-se a Epíst. de Spener) vivera muito tempo em Sulzbach, junto de Knorr⁹⁶, mas, tendo-se desgostado, segundo creio, de sua condição, tornou-se judeu, chamando-se Moisés Germano⁹⁷. [Nosso] autor, que se encontrou com ele em Amsterdã, escreveu contra ele um livro chamado: **die vergotterte Welt** [o mundo deificado]; ali ataca Espinosa, e Moisés Germano, e a Cabala dos hebreus conjuntamente, porquanto façam do mundo um Deus. Mas, depois, parece que considerou o assunto com mais cuidado. Agora, contudo, defende seja a Cabala dos hebreus que Espinosa, e demonstrou que Deus e o mundo distinguem-se entre si. Mas nisso foi pouco convincente. Pois se Deus é como [se fosse] uma substância, a criatura é como [se fosse] um acidente de Deus. Budé⁹⁸, na Observ. especial de Halle, escrevera uma defesa

95 No curso do texto, usamos colchetes [] para indicar: 1.º palavras latinas do texto quando se julgou necessário; 2.º traduzir nomes de textos citados; 3.º acrescentar palavras necessárias à melhor compreensão do texto.

96 Christian Knorr, barão de Rosenroth, autor de um livro intitulado: *Kabbala denudata seu doctrina Hebraeorum transcendentalis* [A cabala revelada ou doutrina transcendental dos hebreus], etc. em Sulzbach, 1677, in-4.º. Leibniz conheceu-o, ele o visitou quando de sua passagem por Sulzbach, com quem se entreteve a respeito de diversos testemunhos dos hebreus e dos cabalistas a favor de Cristo, principalmente a respeito de um livro inédito, intitulado: *Messias puer* [O Messias menino] (Epíst. de Leibniz a Job Ludolf.).

97 Iohannis Petrus Speeth [João Pedro Speeth], foi membro da ordem agostiniana que abraçou o judaísmo, assumindo o nome de Moisés Germano ou Alemão, manteve um comércio epistolar com Watcher cujo objeto principal eram os assuntos de religião.

98 **Guilherme Budé** [1467-1540 - *Gullielmus Budaeus*] foi um estudioso e humanista francês, que esteve envolvido na fundação do *Collegium Trilingue*, que mais tarde se tornou o *Collège de France*.

respondet. Consensum Cabbalae cum Spinosa da Cabala dos hebreus contra alguns autores impugnatum tuetur, sed Spinosam nunc excusat modernos⁹⁹. Tratou do mesmo argumento na quem tunc impugnaverat.

Historia philosophiae Hebraeorum [História da filosofia dos hebreus], em que ele atacou de maneira muito douta o livro do autor. O autor, agora, corrigiu-se e responde a Budé. Sustenta o acordo [*consensum*] da Cabala com Espinosa, mas excusa a Espinosa, a quem antes atacava.

Cabbala duplex, realis et literalis, hacc est Gematria (haec transponit literas et syllabas facitque ex dictione aliam dictionem aut alterius A Cabala é de duas modalidades: real e literal. Esta é a *Gemátria*¹⁰⁰ (que transpõe letras e sílabas e transforma uma palavra [*dictionem*]

⁹⁹ Obviamente Leibniz refere-se ao tempo de Budé.

¹⁰⁰ Gemátria (em hebraico: גמטריא) é um sistema numerológico pelo qual as letras hebraicas correspondem a números. Esse sistema, desenvolvido por praticantes da cabala (misticismo judaico), derivou da influência grega e se tornou uma ferramenta para interpretar textos bíblicos.

Na gemátria, cada letra hebraica é representada por um número (por exemplo, א álef = 1, ב beit = 2 etc.). Pode-se então calcular o valor numérico de uma palavra somando os valores de cada letra dela. No reino da interpretação cabalista da Torá, os comentaristas baseiam um argumento na equivalência numerológica das palavras. Se o valor numérico de uma palavra for igual ao de outra palavra, um comentarista pode fazer uma conexão entre essas duas palavras e os versos em que aparecem e usar isso para provar conclusões conceituais maiores.

Um exemplo bem conhecido de gemátria hebraica é a palavra חַי *hai* (“vida”), que é composta de duas letras que somam 18 (ח = 8 e י = 10). Isso tornou o 18 um “número de bom agouro” entre o povo judeu. Presentes de dinheiro em múltiplos de 18 são muito populares. (N. do T.)

dictiones computum) Notariaca quae ex singulis literis praesertim initialibus novas dictiones condit Themura quae est quaedam stenographia et totius alphabeti commutatio.

noutra palavra ou [pelo] cômputo dessas duas palavras). Notarikon¹⁰¹, que a partir de cada sílaba, mormente as iniciais constrói novas palavras [*dictiones*]. Temurá que é uma espécie de estenografia e mudança de todo o alfabeto¹⁰².

Multi prius decernunt quam cognoscunt: Knorrium ait autor non tam Cabbalam seu philosophiam occultam Hebraeorum quam inania assumenta denudasse: Sed Knorrius dedit utrumque ut invenit, bonum et malum.

Muitos fazem deliberações antes de terem conhecimento. O autor diz que Knorr não desvelou a Cabala nem a filosofia oculta dos hebreus, mas só algumas fórmulas¹⁰³ vazias. Mas Knorr apresentou ambos [assim] como encontrou: o bem e o mal.

Vetus traditio: Transgressio Adae fuit truncatio Malculth a caeteris plantis: Malcuth

[Diz] uma antiga tradição¹⁰⁴: A transgressão de Adão foi um corte [*truncatio*] da

¹⁰¹ Notarikon (נוטריקון ou Notarikon) é um método de derivação de uma palavra, usando cada uma das suas letras inicial (ראשי תיבות) ou letras finais (סופי תיבות) para dar suporte a outra, para formarem uma frase ou ideia ausente na sentença. Outra variação usa as primeiras e últimas letras, ou as duas letras do meio de uma palavra, para formar outra palavra. A palavra “notarikon” é emprestada da língua grega (νοταρικόν), que é derivada da palavra latina “notarius” que significa “taquígrafo”.

¹⁰² E um exemplo de Temurá a alternância das letras a primeira pela última, a segunda pela penúltima etc. Assim, por exemplo, a palavra Baphometh (בפומת) dá Sophia (שופיא), aplicando a *cifra Atbash*.

¹⁰³ Aqui Leibniz usa a palavra latina *assumenta*, que significa *remendos*; mas como essa palavra parece vir do verbo *assumo*, que tem com um de seus significados *aplicar*, daí, por dedução, poderia ser entendido os *assumenta* como *aplicações*, donde optamos por *fórmulas*. (N. do T.)

¹⁰⁴ Aqui aparece uma referência à **Teodiceia**, referindo a pág. 612, mas não sabemos ainda de qual edição para buscar a equivalência.

nempe seu regnum est ultima Sefhirarum significatque omnia Dei imperio irresistibiliter regi, sic ut homines putent se suam sequi voluntatem, dum exequuntur divinam, Adamum autem sibi libertatem independentem tribuisse et lapsu didicisse sese non per se stare, sed a Deo per Messiam rursus erigendum esse: Ita ramificationem Sefhirarum Adamus fastigio truncavit. Cabala a Kebel, id est, accipiendo, traditione.

Malkuth a partir de outras plantas¹⁰⁵. *Malkhut*, de fato, ou *reino* é a última das *Sefirot*¹⁰⁶ e significa que tudo está regido irresistivelmente pelo domínio de Deus, de tal modo que os homens julgam seguir sua própria vontade, enquanto, na verdade, executam a vontade divina. [Diz-se que] a Adão fora atribuída uma liberdade independente, mas que, por sua queda, ele aprendeu que não poderia subsistir por si mesmo, mas deveria ser novamente levantado por Deus através do Messias. Assim, Adão cortou a ramificação das *Sefirot* [de sua conexão] com o topo. Cabala vem de *Kebel*, quer dizer, recebendo pela tradição.

Apud Claudium Berigardum in Circulo Pisano, XX, p. 130-431. Origenes et alii ex gnosticis patribus, imo etiam Hieronymus videntur asserere deceptionem legislatoribus non minus quam medicis esse licitam. Disciplina Arcani apud Aegyptios quam severa Pythagoras probavit, qui

De acordo com Cláudio Berigardo¹⁰⁷, no Círculo Pisano, XX, p. 130-131, Orígenes¹⁰⁸ e outros padres gnósticos, até inclusive Jerônimo, pareciam afirmar que um engano para os legisladores não é menos lícito do que para os médicos. A severa disciplina do Arcano junto

¹⁰⁵ No Éden, Adão podia comer do fruto de todas as plantas, menos daquela que dava o fruto do conhecimento do bem e do mal (veja-se *Gênesis* II,15-17; III,1-7).

¹⁰⁶ **Sefirot** (em hebraico: סְפִירוֹת - *sephîrôt*; no singular: **Sefirá**) são potências ou agentes pelos quais *Ein Sof*, isto é, o Ilimitado - Deus, manifestou *Sua vontade* (רצון; *Ratzon*) na produção do Universo. O termo *Sephirot*, em hebraico, significa, originalmente: número, contagem ou estatística. Foi usado pela primeira vez num sentido metafísico pelo autor do *Sefer Yeẓirah*. Na linguagem do *Zohar* ganhou o significado de *Esfera* (σφαῖρα), mas, a verdadeira doutrina dos *Sefirot* como *Atributos* que se tornou a pedra angular da Cabalá se categorizou a partir do século XII. *Sefirot* baseia-se na concepção neoplatônica de Deus e na teoria da emanação; onde os neoplatônicos, a fim de superar as dificuldades envolvidas na ideia de *creatio ex nihilo*, que é incompatível com seu princípio de que Deus não pode ter intenção, pensamento, palavra ou ação; recorreram à doutrina da emanação. De acordo com essa doutrina, tudo o que existe foi produzido não por qualquer poder criativo, mas como emanações sucessivas da Divindade. De modo que todas as criaturas finitas são parte integrante do Ser Divino, essas emanações, ou inteligências, como são chamadas, são os agentes intermediários entre os mundos intelectual e material. Essa sequência de emanações formam a alegórica Árvore da Vida da Cabalá.

¹⁰⁷ **Cláudio Guilherme de Bérigard** (ou Beaugard ou Berigardo - 1578-1663) foi um filósofo francês, matemático e físico, que se tornou professor em Pisa e Pádua. Foi oponente das teorias de Galileu.

¹⁰⁸ **Orígenes de Alexandria** (c. 185 – c. 253), também conhecido como Orígenes Adamâncio, foi um estudioso cristão primitivo, asceta, e teólogo que nasceu e passou a primeira metade de sua carreira em Alexandria. Foi um escritor prolífico, que escreveu cerca de 2.000 tratados em vários ramos da teologia, incluindo crítica textual, exegese bíblica e hermenêutica, homilética e espiritualidade. Ele foi uma das figuras mais influentes e controversas na teologia cristã primitiva, apologética e ascetismo. Foi ainda descrito como “o maior gênio que a igreja primitiva já produziu”.

vix Amasis regis autoritate cui a Polycrate commendatus fuerat a Diospolitis admissus est: Ipse non minus silentii severus exactor. Et Plato dixit autorem universi in vulgus praedicare nefas. Et alibi: de Deo aenigmatice loquendum ut literae periclitantes ab aliis legantur quidem, sed non intelligantur. (Vide Gassendium, Contra Aristoteleos.) De Academiis, Aug. (lib. 3, contra Academ.) sententias tantum aperuisse eis qui secum usque ad senectutem vixissent. Quin apud Clementem, Strom. 5, ipsi Epicurei dicebant quaedam apud se esse non omnibus legenda. Itaque Cartesius ad Reg., part. 1, Ep. 89, Iniuriam facis nostrae philosophiae si eam nolentibus ostendas, imo si communicates aliis quam enixe rogantibus.

aos egípcios que Pitágoras experimentou, que em detrimento da autoridade do rei Amásis, a quem fora recomendado por Polícrates, foi admitido pelo diospolitas¹⁰⁹. Ele não foi o menos severo executor do silêncio. E Platão diz que não é lícito deprecar diante do vulgo ao Autor do universo. E alhures, [que] falando sobre Deus de forma enigmática a fim de que as letras, apesar de correrem risco de se perderem, possam ser lidas pelos outros, mas não compreendidas. (Veja-se Gassendi, **Contra Aristoteleos** [Contra os aristotélicos].) A respeito dos acadêmicos, Agostinho (livro 3, **Contra academicos** [Contra os acadêmicos]) diz que eles só expunham seus pensamentos àqueles que tivessem vivido junto deles até à velhice. Em verdade, de acordo com Clemente [de Alexandria] (**Strom**, 5), os próprios Epicuristas diziam que havia algo que eles não transmitiam a todos. Por isso, Descartes

¹⁰⁹ Dióspolis era a designação grega de Tebas. Aqui, provavelmente, refere-se aos sacerdotes tebanos.

(Ad Reg., parte 1, Epist. 89), [dizia]: “Tu fazes uma injúria a nossa filosofia se a apresentas aos que não a querem, até mesmo se a comunicas a outros que instantemente a imploram”.

Burnetus in Archeologia de Cabalisticorum philosophiam huc redire quod primum ens seu Aensoph in se contineat omnia eademque sit semper entitatis quantitas in universo, mundum esse emanationem ex Deo, hinc verba fieri de vacuis, vasis, vasculis, canalibus per quos radii decurrunt, radiis retractis res perire et resorberi in Deum.

Burnet¹¹⁰, em sua **Archaeologia** [Arqueologia], a respeito dos cabalistas [faz] sua filosofia reduzir-se a isto: que o primeiro Ente ou *Ein Sof*¹¹¹ contenha em si todas as coisas e seja sempre a mesma quantidade de ente no universo [e que] o mundo é uma emanção de Deus; daqui [se deduz que] estas palavras podem ser [tanto] sobre as coisas vazias¹¹², [como] sobre vasos, vasilhas, canais pelos quais decorrem os raios;

¹¹⁰ **Thomas Burnet**, (1635 [?]-1715) foi um escritor inglês conhecido por seus escritos sobre teologia e cosmogonia. Nascido em Croft perto de Darlington, estudou na Northallerton Grammar School, e depois foi a Clare Hall, Cambridge em 1651. Foi discípulo de John Tillotson. Posteriormente foi aluno do *Christ's College* da Universidade de Cambridge, onde obteve sua graduação. Empregado com Lord Wiltshire, e como tutor de Lord Ossory, neto de James Butler, primeiro Duque de Ormonde, conseguiu uma importante nomeação na *Charterhouse School*. Contrário a William II, depois da Revolução Gloriosa, foi capelão ordinário de William III. Morreu em 1715, depois de ter mantido seu trabalho e residência na *Charterhouse School*. Ali foi sepultado.

¹¹¹ **Ein Sof, En Sof** ou **Ayn Sof**, (אין סוף), na Cabala hebraica está concebido como Deus, antes de Sua automanifestação, na produção qualquer território (*Seder hishtalshelus*, “Ordim Evolutiva”); provavelmente derivado do termo “o Um Infinito” (*she-en lo ticklá*), assim traduzido por Avicbron. *Ein Sof* pode ser traduzido como *Sem fim*, *Interminável* ou simplesmente *Infinito*. *Ein Sof* é “definição” ou “expressão” per Deus, sobretudo conexa à origem divina de toda a existência criada, em contraste com o *Ein* (ou *Ayn*), que é infinito nada. Usado também pelo místico Azriel ben Menahem di Gerona que, confrontando-se com o neoplatonismo, segundo o qual Deu não pode ter desejos, pensamentos, palavras ou ações, enfatizava com isso a negação de qualquer atributo pela impossibilidade de definir uma “existência” de Deus, posto que, enquanto perfeito, não suscetível a mudanças, além de eterno e santo - de fato, segundo uma análise da Criação, parece que a *existência* deva ter um início por uma continuação para exprimir a própria função ou natureza - Deus, Causa Primeira, não tem início nem fim. Do *Ein Sof*, nada (*Ein*) pode ser compreendido (*Sof*). É a origem do *Ohr Ein Sof*, a *Luz infinita* (ou *luz do infinito Deus*) do paradoxal divino autoconhecimento, anulado dentro do *Ein Sof* antes da Criação. Na Cabala luriânica o ato primeiro da Criação, a “autocontração” (*Tsimtsum*) de Deus para criar um “espaço vazio”, aconteceu desde aquele momento. Já no chassidismo o *Tsimtsum* é somente um ocultamento ilusório da *Ohr Ein Sof*, que dá origem ao panteísmo monístico. Consequentemente, o chassidismo concentra-se na essência divina, *Atsmut* (עצמות - de *Etsem* עצם, que significa “essência”), radicada mais no alto do *Ein Sof* no âmbito do Divino Ser: *Ein Sof*, de fato, “limita-se” à infinidade e “reflete-se” na essência (*etsem*) da Torá e da alma.

¹¹² Talvez aqui pudesse ser traduzido como *vazio* ou *vácuo*.

[de modo que,] se os raios forem retirados, as coisas morrem e são novamente absorvidas em Deus.

Pseudo-Cabalam putant quidam nudius tertius a R. Loriensi aut Irira inventam. Tatianus Dominum mundi esse universorum substantiam, Deum esse ὑπόστασιν τοῦ παντός. Henrici Mori Theses Cabalisticæ: Ex nihilo nihil fieri: nullam esse in rerum universitate materiam, Cabalistarum proprium dogma est. Omnem substantiam esse spiritum, hoc illi intelligunt de spiritu divino secundum nostrum autorem secus quam Morus. At noster statuit Mundum vel Mundos esse naturæ divinæ necessarium et immanentem effectum, huic iam autem rei immanentem et emanantem, cum illa singularissime unum esse quomodo omnes concipiunt rem et modum rei a parte rei non distingui. Haec male.

Alguns supõem que a pseudo-cabala tenha sido inventada anteontem por um rabino de Luria ou Irira¹¹³. Taciano [acreditava que] o Senhor do mundo seria a substância de todas as coisas, que Deus seria a ὑπόστασιν τοῦ παντός [o fundamento de tudo]. [Eis] as teses cabalistas de Henrique Morus: “O dogma próprio dos cabalistas é que do nada nada pode surgir, que nenhuma matéria há na universalidade das coisas”. Que toda substância é um espírito, eis o que eles entendem sobre o Espírito divino conforme nosso autor, diversamente de Morus. Mas nosso [autor] postulou que o mundo ou os mundos são um efeito necessário e imanente da natureza divina, de fato imanente e emanente¹¹⁴ a esta realidade [huic rei], [e] que o mundo, com ela, é uma só [coisa] singularíssima, da forma como todos concebem que a realidade [rem] e o modo¹¹⁵ da realidade [rei] não são distintos de uma parte da realidade. Estas coisas são um mal.

Universum posse dici Deum, utpote

O universo pode ser chamado de Deus,

¹¹³ **Isaac Luria**, ou **Yitshak Luria** (יצחק לוריא, *Yiṣḥāq Lùria*; 1534 – 1572), foi um rabino, místico e teólogo otomano, cabalista, com atividade em meados do séc. XVI, na cidade de Safed, na então Palestina otomana. Conhecido também pelo epítetos reverenciais de **Ari** («o Leão», acrônimo de **Ashkenazi Rabi Yitshaq**, «O Mestre Alemão Yitshaq»), **Arizal**, em que *ZaL* é o acrônimo de *Zikhronô Livrakhá* («de bendita memória» ou literalmente «a sua lembrança seja uma bênção», um tratamento de honra reservado aos defuntos), e ainda como **Ari haQadosh** («o Santo Ari»), Isaac Luria foi um dos pensadores mais importantes na história da mística hebraica. Através a síntese das ideias contidas nos textos cabalísticos, que gozaram de grande fortuna durante sua época (principalmente o *Zohar*) e a tratção sistemática da doutrina por mérito de seu mais próximo discípulo, Hayim Vital, no círculo de Safed, Luria foi capaz de revolucionar completamente a tradição da cabala hebraica, abrindo um divisor de águas que separou a cabala clássica medieval da que recebe seu nome, e da qual foi o fundador: a **Cabala luriânica**.

¹¹⁴ *Emanente* significa que se difunde.

¹¹⁵ Optamos por traduzir por *modo* a palavra latina *modum*, usada por Leibniz aqui, porquanto haja várias possibilidades de vertê-la, seja como *medida*, *extensão*, *quantidade*, *grandeza*; *limite*, *confins*, *termo* ou *meta*.

manifestum. In iis quae de mundo divino, unde mundus hic emanando profluxit, philosophantur Cabalistsae, adeo aperta est Trinitatis confessio ut facile subscribam verbis viri docti. Obs. Hall, tom 2, ob. 5-16, n.3. Christianos ab Hebraeis Trinitatem accepisse. Sed autoris iudicio, Picus Mirandulanus erravit, cum in tribus Sephiris supremis arboris Cabalisticae Triadem collocavit, quem alli secuti, et audacissime ille qui, Tom. 1, obs. sel. 1, n.11, quod per illa nomina Kether, Binah, Chochmah, Coronae Sapientiae et Prudentiae tres personae indiscriminatim adhibentur ex ipsa Cabalistarum explicatione esse manifestum. Sed sciendum est numerationes seu Sephiras longe esse infra Ensoph in quo Trias. Infra Ensoph est Adam Cadmon, id est tola Sephirarum, luminum, numerationum et Aeonum complexio, non est unigenitus sed primogenitus.

na medida que [Ele] está manifestado [no universo]. Os cabalistas filosofam que quanto às coisas que dizem respeito ao mundo divino, a partir do qual este mundo surge como emanção [emanando profluxit], está de tal forma aberta ao reconhecimento da Trindade que facilmente subscreveria as palavras dum homem douto (Obs. de Halle, tomo 2, obs. 5-16, n. 3) quanto aos cristãos terem recebido a [noção de] Trindade dos hebreus. Mas segundo a opinião do autor, errou Pico della Mirândola¹¹⁶, e quem o seguiu, quando colocou a Trindade [Triadem] nas três *Sefirot* supremas da árvore cabalística, e mais audaciosamente aquele que [sustentou] (Tom. 1, obs. selecionada 1, n. 11) que daqueles nomes *Kéther*, *Biná*, *Khokhmá*, evidentemente foram retiradas de forma indiscriminada as três pessoas [da Trindade] *Coroa*, *Sabedoria e Prudência* a partir da própria explicação dos cabalistas. Mas deve-se saber que as numerações ou *Sefirot* são, de longe, inferiores ao *Ein Sof* no qual está a Trindade [Trias]. Abaixo do *Ein Sof* está o Adão Cadmon, quer dizer, todo o sumário das *Sefirot*, das luzes, das numerações e dos Eons, não há unigênito, mas primogênito.

Tatianus in oratione ad Graecos se professus Barbaricae (id est Hebraicae) philosophiae sectatorem: In ipso universorum domino per

Taciano, no **Discurso aos Gregos**, professou-se seguidor da filosofia bárbara (isto é, a hebraica). No próprio Senhor dos universos por

¹¹⁶ **Giovanni Pico della Mirandola** (*Iohannes Picus de Mirandula*; 1463–1494) foi um nobre e filósofo italiano renascentista. Ficou famoso por conta dos eventos de 1486, quando, com 23 anos de idade, se propôs a defender 900 teses sobre religião, filosofia, filosofia natural e magia contra todos os interessados, para os quais escreveu o **De hominis dignitate** (Discurso sobre a dignidade do homem), o qual foi chamado de o *Manifesto da Renascença*, e um texto chave do Humanismo Renascentista e daquilo que se chamou de *Reforma Hermética*. Ele foi o fundador da tradição da Cabala Cristã, um princípio fundamental do moderno esoterismo ocidental. As *900 Teses* foi o primeiro livro impresso universalmente banido pela Igreja Católica no seu *Index librorum prohibitorum*. Pico às vezes é visto como um proto-protestante, porque suas 900 teses anteciparam muitas visões protestantes.

potentiam verbi tum ipse, tum verbum quod in eo erat (verbum internum) extitit. Cum autem voluit iste, verbum ex eius simplicitate prosiliit, non inaniter prolatum, sed primogenitum opus spiritus eius (en verbum externum). Hoc scimus esse principium huius mundi (Adam Cadmon, primogenitus) natum autem est per divisionem non per avulsionem; quod enim avellitur a primo separatur, quod vero dividitur id funcione donatum propria nihil imminuit illum a quo vim suam sumpsit. Haec Tatianus ubi verba tantum Ebraea Ensoph et Adam Cadmon desunt neque ideo Tatianus Arrii praelusor. Arrius factus est haereticus primogenitum negando, vel primogenitum cum unigenito confundendo. Bullus in defensionem Synodi Nicaenae ostendit (sect.. 3, cap. 5) scriptores catholicos synodo Nicaena antiquiores, filio Dei nativatem dare quamdam quae aliquando coeperit, et mundi creationem antecesserit. Citat Athenagoram, Tatianum, Theophilum Antiochenum, Hippolytum et Novatianum, de quibus ordine agit et tandem, cap. 9, ostendit etiam recentiores aliquos τοῦ λόγου ex

potência da palavra subsiste tanto ele mesmo, quanto o verbo que estava nele (verbo interno). Quando, porém, ele quis, o verbo transbordou de sua simplicidade, pronunciado não de forma vã, mas a obra primigênia de seu espírito (eis o verbo externo). Sabemos, contudo, que o princípio deste mundo (Adão Cadmon, primogênito) nasceu para divisão [*divisionem*] não para uma separação violenta [*avulsionem*]; aquilo, com efeito, que é arrancado [*avellitur*] foi distinguido [*separatur*] do primeiro; pois, no entanto, o que foi dividido, doado por uma função própria, em nada diminui aquilo do qual tomou sua força. Essas coisas [afirma] Taciano; onde faltam só as palavras hebreias *Ein Sof* e Adão Cadmon, nem por isso Taciano tornou-se precursor¹¹⁷ de Ário¹¹⁸. Ário tornou-se herege quando negou o primogênito ou confundiu o primogênito com o unigênito. Bullus¹¹⁹, na defesa do Sínodo de Niceia, demonstra (seção 3, cap. 5) que os mais escritores católicos, anteriores ao sínodo de Niceia, dão ao Filho de Deus uma espécie de nascimento que, a um

¹¹⁷ A palavra aqui traduzida por *precursor* foi deduzida do contexto, porquanto o termo no texto usado não está muito claro. (N. do T.)

¹¹⁸ Arius (gr. koiné: Ἀρειος, Ários; 250/256–336) foi um presbítero cirenaico, asceta e sacerdote mais conhecido pela doutrina do arianismo. Seus ensinamentos sobre a natureza da Divindade no cristianismo, que enfatizavam a singularidade de Deus Pai e a subordinação de Cristo sob o Pai, e sua oposição ao que se tornaria a cristologia dominante, a cristologia *homoousiana*, isto é, *consustancial*, fizeram dele o tópico principal do Primeiro Concílio de Niceia convocado pelo imperador Constantino, o Grande, em 325.

¹¹⁹ Desse Bullus muito pouco pudemos saber a não ser que escreveu um tratado chamado *Defesa da fé de Niceia*.

patre ad condendum mundum processionem seu συγκατάβασιν agnovisse idque ex sermonibus Zenoni Veronensi tributis, sed post Synodum Nicaenam scriptis, ex Epistola Alexandri Alexandrini ad Alexandro Episcopum Constantinopolitanum, ex Epistola Constantini ad Nicomedienses, ex Eusebii (livro) Pamphili de laudibus Constantini, ex ipso denique Athanasio probat.

tempo, começou e antecedeu a criação do mundo. Cita Atenágoras, Taciano, Teófilo de Antioquia, Hipólito e Novaciano, sobre os quais trata ordenadamente e, por fim, no cap. 9, apresenta ainda alguns seus contemporâneos¹²⁰ que reconheceram a processão ou συγκατάβασιν¹²¹ τού λόγου [*synkatábasin tu lógu* descida do Verbo] a partir do Pai para formar o mundo, prova o mesmo assunto [citando alguns] dos sermões atribuídos a Zenão de Verona¹²², mas escritos depois do Sínodo de Niceia; [cita ainda algo] da Epístola de Alexandre de Alexandria a Alexandro, bispo de Constantinopla, da Epístola de Constantino aos Nicomedianos, do (livro) de Eusébio Panfilio sobre as loas¹²³ de Constantino, e, finalmente, [citando algo] do próprio Atanásio.

Et addit, p. 394 seq., Ego non ausim hoc arcanum scrutari, etsi mihi videar quae de ipso non inepte dici possunt. Itaque ad Athanasium revertor qui triplicem filio nativatem manifeste tribuit. Prima est qua ó λόγος ab aeterno ex patre et apud petrem extitit. Ob hanc nativatem τοῦ μονογενῆ in Scripturis dici ipsum censuit Athanasius. Vid. Athan. Or. 3, conta Arrianos. Altera nativitas consistit in illa συγκαταβάει qua ó λόγος a patre

E acrescenta, nas páginas 394 e seguintes: Eu não ousaria perscrutar este arcano [mistério], apesar de me parecer ver coisas que podem, não ineptamente, ser ditas sobre isso. Portanto, retorno a Atanásio que atribuiu ao Filho manifestamente um tríplice nascimento. O primeiro é aquele pelo qual ó λόγος [o Verbo] desde toda a eternidade existe desde o Pai e [está] junto do Pai. Por conta deste nascimento,

¹²⁰ No original lemos: alguns mais recentes, obviamente refere-se a alguns posteriores ao Concílio de Niceia.

¹²¹ A palavra grega reportada por Leibniz aqui, συγκατάβασις é ambígua, pois, por um lado indica a descida em favor de algo, por outro, indica uma submissão do Verbo ao Pai.

¹²² **Zenão de Verona** (*Zeno Veronensis*; c. 300-371/380) foi ou um dos primeiros bispos de Verona ou um mártir, dependendo da tradição. É considerado santo pela Igreja Católica e pela Igreja Ortodoxa. Cento e vinte e sete textos chamados sermões ou tratados foram transmitidos sob o nome de Zenão de Verona. Posteriormente, surgiram dúvidas sobre a atribuição desses textos. Os irmãos Pietro e Girolamo Ballerini, em sua edição (*Sancti Zenonis episcopi Veronensis sermones*, Verona, 1739), conservam noventa e três, dos quais dezesseis são longos, colocando os apócrifos em apêndice. É esta edição que está reproduzida na *Patrologie Latine* (vol. 11, col. 11-600). Houve outro em Augsburgo em 1788, que contém textos adicionais.

¹²³ Pode também ser traduzido como *louvores* ou *panegírico*.

Deo exivit ad creationem Mundi. Hoc respectu dici illum in Scriptura omnis creaturae primogenitum statuit Athanasius. Tertia demum nativitas eius fuit cum eadem divina persona e sinu et gloria paterna exivit, seque intulit in uterum Sacratissimae Virginis. Et Verbum caro factum est. Cave autem hanc magni Athanasii interpretationem contempnas, quippe quae aptissimam tibi clavem porrigat ad aperiendam veterum quorundam mentem et sententiam quorum dicta Arriani in haereseos patrocinium traxere, et neoterici quidam Theologi haud minus implicate Arrianismi accusarant.

Hae Bullus.

Autor ait, cap. 3, fin., «Notandum quod Messias est ipse ὁ λόγος aeternus, non ille Deo internus sed prolatitius et hic dicimus stylo Cabalístico Messias, quod Spiritu santo natus est qui proinde etiam Spiritus mundi Cabalisticus dicitur, quia Spiritus eius est qui mundum animavit. Cabalisticus etiam coguntur ut concedant quod corpus Christi sit omnipotens, eo quod corpus Christi secundum illud est corpus primum, unde reliqua corpora per varias Sefiras creativas speciem et ornatum acceperunt».

ele [o Filho] pode ser considerado τὸν μονογενῆ [unigênito], segundo Atanásio. O segundo nascimento consiste naquela συγκαταβάσει [descida] pela qual ὁ λόγος [o Verbo] saiu de Deus para a criação do mundo. A este respeito, estabelece Atanásio que ele [o Verbo] pode ser chamado, na Escritura, [como] o primogênito de toda criatura¹²⁴. Por fim, o terceiro nascimento dele foi quando a própria Pessoa divina saiu do seio e da glória paternos, e [que] introduziu a si mesmo no útero da Sacratíssima Virgem. E o Verbo fez-se carne¹²⁵. Guarda-te, porém, de desprezar esta interpretação do grande Atanásio, pois ele te pôs na mão a chave mais apta para desnudar as sentenças e as mentes de qualquer um dos antigos, cujos ditos os arianos interpretam em benefício da heresia, e alguns teólogos neotéricos muito implicitamente acusaram de arianismo.

Estas coisas [a seguir, di-las] Bullus.

O autor diz, pelo fim do cap. 3: «Deve-se perceber que o próprio Messias é ὁ λόγος [o Verbo] eterno, não mais aquele [verbo] interno para Deus, mas proferido, aqui dizemos Messias em estilo cabalístico, pois nasceu pelo Espírito Santo, que, de igual modo, é chamado de Espírito do mundo pelos cabalistas, pois o seu Espírito é aquele que animou o mundo. Os cabalistas, ainda, são coagidos a concordar que o corpo de Cristo seja onipotente, e tanto que o corpo de Cristo, segundo isso, é o corpo

¹²⁴ Faz referência ao que aparece no texto paulino de Colossenses I,15.

¹²⁵ Referência ao texto do Evangelho de João I,14.

primeiro, donde os mais corpos, através das *Sefirot* criadoras, receberam [sua] figura [*speciem*] e ornamento [*ornatum*]].».

Autor deinde, cap. 4, *Spinosam cum Cabala comparat*, is ait: *Ethi.*, p. , *Schol. Pro.* 40. *Omnes concedere debent nihil sine Deo esse neque concipi posse. Nam apud omnes in confesso est quod Deus omnium rerum tam earum essentiae, quam earum existentiae unica est causa; hoc est Deus non tantum est causa rerum secundum fieri, sed etiam secundum esse. Hoc Spinoza cui non esse de rebus creatis aliter pronuntiandum quam permittuntur a natura Dei. Sed hoc non puto assecutum Spinosam meo iudicio. Essentiae quodam modo sine Deo concipi possunt, sed existentiae Deum involvunt. Ipsaque realitas essentiarum qua scilicet in existentias influunt a Deo est. Essentiae rerum sunt Deo coaeternae. Et Dei ipsa essentia complectitur omnes alias essentias adeo ut Deus sine ipsis concipi non possit perfecte. Sed existentia sine Deo concipi non potest qui est ultima ratio rerum.*

Finalmente, o autor, no cap. 4, compara Espinosa com a cabala. Espinosa diz, na *Ética*¹²⁶: “Todos devem concordar que sem a existência de Deus nada pode ser compreendido. Pois, de acordo com todos manifestamente, Deus é a única causa de todas as coisas, tanto da essência delas, quanto da existência delas; isto é, Deus não é só a causa das coisas segundo o devir [*fieri*], mas também segundo o ser [*esse*]”. Isso [que diz] Espinosa, a que é evidente que o autor aplaude. E é verdade que não há outra coisa a ser dita a respeito das coisas criadas senão aquilo que está permitido pela [mesma] natureza de Deus. Mas isso eu não acredito que Espinosa tenha conseguido. As essências, de alguma maneira, podem ser concebidas sem Deus, mas as existências envolvem Deus. A própria realidade [*realitas*] das essências, pela qual, naturalmente, influi¹²⁷ nas existências, é de Deus. As essências das coisas são coeternas com Deus. E a mesma essência de Deus compreende todas as outras essências, de tal maneira que Deus não pode ser concebido perfeitamente sem elas; mas a existência sem Deus não pode ser concebida, [pois] Ele é a última razão das coisas.

Hoc axioma: ad essentiam rei pertinere sine

Este axioma diz respeito à essência de

¹²⁶ *Ética*. Parte 2, Escólio da proposição 40.

¹²⁷ No texto de Leibniz, o verbo está no plural *influunt*, mas não há nenhum sujeito plural que o justifique, a não ser que Leibniz tivesse querido fazer concordar com *essentiarum*, que está no plural, mas não fica claro por que ele teria posto o verbo da oração principal *est* no singular.

quo nec esse nec concipi potest, adhibendum est in necessariis seu speciebus, non in individuis seu contingentibus. Nam individua concipi distincte non possunt. Hinc dum Deo conexione necessariam non habent sed libere sunt producta. Inclinator ad ea fuit Deus determinata ratione, sed non necessitatus.

Ex nihilo aliquid fieri ad fictiones refert Spinoza, de Emend. intell. p. 374. Sed reverá modi qui fiunt ex nihilo fiunt. Cum nulla sit modorum materia certe nec modus nec eius pars praeexistit, sed alius qui evanuit et cui hic successit.

Cabalistae videntur dicere materiam nec creari ob vilitatem essentiae nec existere posse, proinde vel nullam esse in universo materiam, vel spiritum et materiam unum idemque esse, ut habet Henricus Morus in thesibus Cabalisticis. Spinoza quoque negat ullam massam corpoream et materialem quae sit subiectum huius mundi a Deo creari potuisse, quia inquit ex qua divina potentia

uma coisa sem o qual [ela] não pode ser nem [mesmo] ser concebida; [o axioma] deve ser empregado em coisas necessárias ou em espécies, jamais em indivíduos ou em coisas contingentes. Pois os indivíduos não podem ser concebidos de maneira distinta. Disso decorre que não podem ter uma conexão necessária com Deus, mas [os indivíduos] são produzidos de maneira livre. Deus ficou inclinado a eles [aos indivíduos] por uma razão determinada, mas [Ele] não ficou necessitado.

Espinosa refere, no **Tratado da reforma do entendimento** (p. 374)¹²⁸, como ficção que algo possa ser feito a partir do nada. Mas, na verdade, os modos que se fazem são feitos a partir do nada. Como não seja nada a matéria dos modos, certamente nem um modo nem [qualquer] parte dele existia anteriormente, mas outro [modo] que desapareceu e ao qual este [novo modo] sucedeu.

Os cabalistas parecem dizer que a matéria nem pode ser criada por causa da vileza da essência, nem pode [seguir] existir; portanto, ou nenhuma matéria há no universo, ou espírito e matéria são uma só e mesma coisa, como sustenta Henrique Moro nas teses cabalistas. Espinosa nega que qualquer massa corpórea e material, que seja sujeito deste mundo, possa ter

¹²⁸ No **Tractatus de intellectus emendatione**, lemos no § 58: “*Sed, uti diximus, quo minus homines norunt Naturam, eo facilius multa possunt fingere; veluti, arbores loqui, homines in momento mutari in lapides, in fontes, apparere in speculis spectra, nihil fieri aliquid, etiam deos in bestias et homines mutari, ac infinita ejus generis alia.*” - Mas, como já dissemos, quanto menos os homens conhecem a natureza, tanto mais facilmente podem forjar numerosas ficções, tais como árvores falantes, homens transformados subitamente em pedras, em fontes, espectros que aparecem nos espelhos, o nada que se torna algo, deuses que se transformam em animais, em homens, e uma infinidade de outras coisas desse gênero.

creari potuerit dissentientes ignorant. Est aliquid in vis veri, sed credo non satis intellectum. Matéria reverá est, sed non substantia, cum sit aggregatum seu resultans ex substantiis: de matéria in quantum secunda seu massa loquor extensa quae minime homogoneum est corpus. Sed id quod homogoneum concipimus et materiam primam vocamus, id est aliquid incompletum cum sit mere potentiale. Substantia autem plenum est aliquid atque activum.

Spinoza putavit materiam vulgi non existere. Hinc saepe monet a Cartesio materiam male definiri per extensionem, Ep. 73, et extensionem male explicari per rem vilissimam quae debeat esse in loco divisibilis, de Emend. intell. p. 385, eo quod matéria debeat explicari per attributum quod aeternam et infinitam essentiam exprimit. Respondeo extensionem aut si mavis primam materiam nihil aliud esse indefinitam quamdam repetitionem rerum quatenus símiles sunt inter se, seu indiscernibiles; sed ut numerus supponit res numeratas, ita extensio res quae repetuntur, quibus praeter communia insunt propria. Haec propria accidentia faciunt limites magnitudinis figuraeque actuales, prius ante possibiles. Materia mere passiva est aliquid vilissimum, nempe carens omni virtute, sed tale consistit tantum vel in incompleto, vel in

sido criada por Deus, pois que, ele diz, os que discordam ignoram de que forma a divina potência poderia ter criado. Há nisto qualquer coisa de verdadeiro, mas acredito que não seja suficiente para o intelecto. Há, na verdade, matéria, mas não substância, visto que é um agregado ou um resultante a partir de [outras] substâncias; refiro-me à matéria enquanto [matéria] segunda ou massa extensa que de forma mínima é um corpo homogêneo. Mas aquilo que concebemos [como] homogêneo, a isso chamamos matéria prima, isto é, algo incompleto que seja meramente potencial. A substância, porém, é algo pleno e ainda ativo.

Espinoza supunha que a matéria do vulgo não existia. Por essa razão [*hinc*] frequentemente advertia que Descartes definira mal a matéria por extensão (Epíst. 73) e explicara mal a extensão por uma coisa muito indigna de consideração, que devia ser localmente [*in loco*] divisível¹²⁹, tanto que a matéria deva ser explicada pelo atributo que exprime a essência eterna e infinita. Respondo que a extensão ou, se preferir, a matéria prima nada mais é do que certa repetição indefinida de coisas, porquanto sejam semelhantes entre si, ou [mesmo] indiscerníveis; mas assim como o número supõe coisas numeradas¹³⁰, assim como a extensão [são] coisas que se repetem, entre os quais, além dos [acidentes] comuns, há [aqueles que são] próprios. Estes acidentes próprios tornam atuais

¹²⁹ *Tractatus de Intellectus emendatione*, § 87.

¹³⁰ Também poderia ser traduzido com *numeráveis*.

abstractione.

Spinoza (Eth. p. 1, coroll. prop. 13, et e schol. prop. 150, Nulla substantia ne corporea quidem divisibilis est. Hoc apud eum non mirum, quia ipsi non nisi unica est substantia: sed mihi id verum est, etsi infinitas substantias admittam, omnes enim apud me sunt indivisibiles seu *monades*.

Ait idem (Eth. p. 3, schol. prop. 2) quod mens et corpus eadem res sit duobus tantum modis expressa, et quod (Eth. p. 2, schol. prop. 7) et quod substantia cogitans et substanti extensa una eademque substantia sint quae iam sub cogitationis iam sub extensionis attributo cognoscitur. Et ibidem ait: haec quidam Hebraeorum quasi per nebulam vidisse videntur qui scilicet putarunt Deum, Dei intellectum, resque ab ipso intellectas unum et idem esse. Hoc male mea sententia. Mens et corpus non est idem, non magis quam principium actionis et

os limites da grandeza e da figura, antes mesmo de [os tornar] possíveis. A matéria meramente passiva é algo muito indigna de consideração, exatamente porque carente de toda virtude, mas tal [coisa] consiste somente ou no incompleto ou na abstração.

Espinoza [afirma¹³¹] que nenhuma substância nem mesmo corpórea é divisível. Isso, segundo ele, não é causa de admiração, pois que ele não [admite] mais que uma única substância; mas, para mim, isso é verdadeiro, ainda que eu admita [a existência de] infinitas substâncias, todas, com efeito, segundo meu sistema, são indivisíveis ou *mônadas*.

O mesmo [Espinoza] diz¹³² que a mente e o corpo são a mesma coisa só que expressa em dois modos [diversos]; e que¹³³ a substância pensante [*substantia cogitans*] e a substância extensa [*substantia extensa*] são uma só e mesma substância que são conhecidas seja pelo atributo do pensamento, seja da extensão. E no mesmo lugar [ainda] diz: parece que alguns hebreus viram essas coisas como que através de uma nuvem¹³⁴, os quais supuseram, naturalmente, que Deus, o intelecto de Deus, e as coisas por Ele

¹³¹ **Ética**, 1.^a parte, corolário da prop. 13 e escólio da prop. 15. No texto, Leibniz acrescenta esta nota: “Escólio, na verdade de grande importância, mas mais prolixo para que pudesse ser completado aqui na série [*in extenso*]. Isso só se dá quanto mais toca à realidade. ‘Não é menos absurdo propor que a substância corpórea seja composta de corpos ou de partes; do que [propor] que um corpo seja composto de superfícies, as superfícies de linhas, as linhas, finalmente, de pontos. Também todos os que sabem que há uma razão clara e infalível devem confessar isso, e, primeiramente, aqueles que negam que o nada possa manifestar-se.’”

¹³² **Ética**, 3.^a parte, escólio da prop. 2.

¹³³ **Ética**, 2.^a parte, escólio da prop. 7.

¹³⁴ Parece que Leibniz se está referindo aqui ao episódio da coluna de nuvem que manifestava a presença de Deus durante os eventos narrados no livro do Êxodo (vejam-se Êxodo XIII,21-22; Números XIV,14).

principium passionis. Substantia corporea habet animam et corpus organicum hoc est massa composita ex aliis substantiis; id verum est eandem substantiam cogitare et habere massam extensam sibi adunctam, sed minime ex ea consistere, cum nihil eorum non adimi possit, salva substantia. Praeterea omnis substantia percipit, sed non omnis substantia cogitat. Cogitatio revera set monadum, immo omnis perceptio, sed extensio est compositorum. Deum et res a Deo intellectas unum idemque non magis dici potest, quam mentem et res a mente perceptas idem esse. Autor putat Spinosam naturam communem assumisse, cui attributa cogitatio et extensio et eam esse *Spiritum*, sed nulla est spirituum extensio nisi sumas latius pro quodam animali subtili ut angeli a veteribus accipiebantur. Addit autor modos horum attributorum esse mentem et corpus. Sed qui quaeso, mens potest esse modus cogitationis cum sit cogitationis principium? Itaque potius mens esset attributu et cogitatio esset modificatio huius attributi. Mirum etiam quod Spinoza supra, de Emendatione intellectus, p. 385, negasse videtur extensionem esse divisibilem in partes et ex partibus compositam, quod nullum sensum recipit nisi forte velut spatium non esse rem divisibilem. Sed spatium et tempus sunt ordines rerum non res.

entendidas eram uma só e mesma coisa. Isto [tudo está] mal, a meu juízo¹³⁵. A mente e o corpo não são a mesma coisa, não mais que o princípio de ação e o princípio de paixão. A substância corpórea possui a alma e o corpo orgânico é uma massa composta de outras substâncias e é verdadeiro que a mesma substância pense e tenha uma massa extensa a si unida, mas de modo algum que ela [a substância] seja composta por ela [isto é, pela massa extensa], pois não se pode retirar nada deles, exceto a substância. Ademais, toda substância percebe, mas nem toda substância pensa. O pensamento [*cogitatio*], na verdade, é próprio das mônadas, ou melhor, toda percepção; mas a extensão é própria dos compostos. Não se pode dizer que Deus e as coisas entendidas por Deus [são] uma só e mesma coisa, [da mesma forma] que [se diz] que a mente e as coisas percebidas pela mente sejam a mesma coisa. O autor reputa que Espinosa tenha assumido uma natureza comum, a que estejam inerentes [*insint*] os atributos do pensamento [*cogitatio*] e da extensão [*extensio*] e que ela [a natureza] seja um *Espírito*, mas nenhuma extensão é própria dos espíritos, a não ser que assumas [a extensão] num sentido mais amplo, [como] por algum animal sutil que fora entendido pelos mais antigos como sendo um anjo. Acrescenta o autor que os modos destes atributos são a mente e o corpo. Mas, eu pergunto, que mente pode ser um modo do pensamento [*cogitatio*], sendo [ela mesma] o princípio do pensamento [*cogitatio*]?

¹³⁵ Lit.: Por minha sentença, isto [está] mal.

Assim, a mente seria principalmente um atributo e o pensamento seria a modificação desse atributo. É admirável que Espinosa [como já se viu] acima¹³⁶, pareça negar que a extensão seja divisível em partes e composta por partes, o que não tem nenhum sentido, a não ser, talvez, como o espaço [que] não é uma coisa divisível. Mas o espaço e o tempo são as ordens¹³⁷ das coisas, não coisas.

Recte ait autor Deum rerum omnium origines ex ipso invenisse, quemadmodum olim memini Jul. Scaligerum dicere res produci non ex potentia passiva materiae sed ex potentia activa Dei. Et hoc ergo de formis affirmo seu activis vel entelechiis.

De modo correto o autor diz que Deus encontrou as origens de todas as coisas por Ele mesmo, como por exemplo uma vez recordei que Júlio Escalígero¹³⁸ disse que as coisas se produzem não pela potência passiva, mas pela potência ativa de Deus. E isto eu o afirmo a partir das formas ativas ou [das] enteléquias¹³⁹.

Quod ait Spinoza (Eth. p. 1, prop. 34) Deum

Quando Espinosa diz¹⁴⁰ que Deus pela

¹³⁶ *In Tratado da reforma do Entendimento*, “*Quoad secundam fictionem, quam diximus esse simul attentionem sine assensu ad diversas ideas confusas, quae sunt diversarum rerum atque actionum in Natura existentium; vidimus etiam rem simplicissimam non posse fingi, sed intelligi, et etiam rem compositam, modo ad partes simplicissimas, ex quibus componitur, attendamus; imo nec ex ipsis ullas actiones, quae verae non sunt, nos posse fingere: Nam simul cogemur contemplari, quomodo et cur tale quid fiat*” - Quanto à segunda forma de ficção, que dissemos que provinha de uma atenção, sem assentimento, aplicada simultaneamente a diversas ideias confusas de coisas mais simples não pode ser objeto de ficção, mas somente entendida, assim como, aliás, uma coisa composta, contanto que estejamos atentos às partes mais simples de que é composta; mais ainda, não podemos, a partir delas, criar ficções de ações que não sejam verdadeiras; pois somos obrigados ao mesmo tempo a considerar como e por que tal coisa se produz.

¹³⁷ Sobre isto lemos no livro *A vida intelectual*, do P.e A.-D. Sertillanges (trad.: Roberto Mallet. Campinas, SP: Kírion, 2019): “A ordem do espírito deve corresponder à ordem das coisas, e já que o espírito não se instrui verdadeiramente senão investigando as causalidades, a ordem do espírito deve corresponder à ordem das causas” (p. 104).

¹³⁸ **Júlio César Escalígero** (*Giulio Cesare Scaligero* ou della Scala), cujo nome verdadeiro era Giulio Bordone (1484-1558) foi um escritor, filósofo e médico italiano. Era pai do humanista francês de origem italiana Joseph Justus Scaliger, também conhecido como Giuseppe Giusto Scaligero.

¹³⁹ **Enteléquia** (do grego ἐντελέχεια, de *en*, 'dentro' + *telos*, 'finalidade': *entelos*, 'finalidade interior' + *echein*, 'ter'), na filosofia aristotélica, é a realização plena e completa de uma tendência, potencialidade ou finalidade natural, concluindo um processo transformativo de todo e qualquer ser animado ou inanimado do universo. É o ser **em ato**, isto é, plenamente realizado, em oposição ao ser **em potência**.

¹⁴⁰ **Ética**, 1.^a parte, prop. 34.

eadem necessitate esse causam sui et omnium rerum (et Tractat. politic., p. 270, c. 2, n. 2), rerum potentiam esse potentiam Dei, non admitto. Deus necessario existit, sed res libere producit, et rerum potentia a Deo producta est, sed a divina potentia diversa est, et res operantur ipse, etsi vires agendi acceperint.

Ait Spinosam, Ep. 21: Omnia in Deo esse et in Deo moveri cum Paulo affirmo et forte etiam cum omnibus reliquis philosophis, licet alio modo, et auderem etiam dicere cum omnibus antiquis Hebraeis quantum ex quibusdam traditionibus tametsi omnibus modis adulteratis, concipere licet. Ego putem omnis esse in Deo non ut partem in toto, nec ut accidens in subiecto, sed ut locum in locato, sed locum spiritualemente seu sustentantem, non ut locum commensuratum seu condivisum, nempe ita ut Deus est immensus seu ubique; adestque orbis: itaque omnis in ipso; est enim ubi sunt res et ubi non sunt, et manet cum discedunt et iam fuit ubi accedunt.

própria necessidade é a causa de Si mesmo¹⁴¹ e de todas as coisas¹⁴² (e o **Tratado político** cap. 2, n.º 2¹⁴³), que a potência das coisas é a potência de Deus, isso eu não admito. Deus existe necessariamente, mas produz as coisas livremente, e a potência das coisas é produzida por Deus, mas a divina potência é diversa, e as coisas atuam elas mesmas, ainda que tenham recebido forças de ação [*vires agendi*].

Diz Espinosa, na Epístola 21, que todas as coisas estão em Deus e em Deus se movem; afirmo com Paulo e talvez ainda com todos os demais¹⁴⁴ filósofos, é possível de outro modo, ousaria dizer ainda com todos os antigos hebreus que é possível conceber certas tradições, conquanto [estejam] adulteradas de todos os modos [possíveis]. Eu pensaria que todas as coisas estariam em Deus não como a parte no todo, nem como o acidente no sujeito; mas como o lugar no localizado¹⁴⁵ ou como um lugar espiritual ou sustentador, e não como um lugar mensurável ou divisível, mas, justamente, assim como Deus é imenso ou ubíquo; e o mundo está presente: portanto, tudo está n'Ele; Ele está, com efeito, onde estão as coisas e onde elas não estão,

¹⁴¹ Pela proposição 11.

¹⁴² Pela proposição 16 e seu corolário.

¹⁴³ Ver SPINOZA, Benedictus. **Tratado político**. Trad.: Diogo Pires Aurélio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 11-12.

¹⁴⁴ Leibniz ao citar Espinosa usa o termo *reliquis philosophis*, que traduzimos por *demais filósofos*; Espinosa, contudo, usa *antiquis philosophis*, isto é, *os antigos filósofos*.

¹⁴⁵ Uma outra alternativa para traduzir a frase *sed ut locum in locato* seria associá-la aos desenvolvimentos alcançados por Leibniz em sua *analisi situs*, mantendo que a situação está no situado e não existe fora dele, como o evidencia o §47 da *Quinta carta* que Leibniz enviou ao discípulo de Newton, Samuel Clarke. Trata-se também de uma reafirmação da célebre tese leibniziana segundo a qual os acidentes não passeiam fora da substância, tal como está estabelecido no §7 da *Monadologia*. Gostaríamos de indicar aqui o seguinte capítulo de *Mônada e ainda uma vez substância individual*, no qual este tema foi tratado, *Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o §47 da última carta a Clarke*.

e permanece quando estas fenecem e Ele já esteve aonde elas ainda chegarão.

Autor: Quod Deus alia mediate, alia immediate produxerit Cabalistarum concursus sententia est. Hinc subinde eloquitor de principiatio quodam primo quod Deus immediate ex se effluere fecerit, et quo mediante caetera in seriem et ordeimem sunt producta idque variis nominibus salutare solent gratia ex: Adam Cadmon, Messias, Christus, Λόγος, verbum, primogenitus, homo primus, homo caelestis, dux, pastor, mediator, etc. Rationem asserti alias reddam. Rem ipsam agnovit Spinosa ut praeter nomen nil desiderare possis. Sequitur inquit, Eth. p. 1, schol. prop. 28: Secundo quod Deus non potest proprie dici causa remota rerum singularium, nisi forte ea de causa ut scilicet eas ab iis quas immediate produxi vel potius quae ex absoluta eius natura sequuntur, distinguamus. Qualia autem sint illa quae ex absoluta Dei natura sequi dicuntur sic explicavit: prop. 21. Omnia quae ex absoluta natura alicuius attributi Dei sequuntur semper et infinita existere debuerunt, sive per idem attributum aeterna et infinita sunt. Haec autor ex Spinosa quae omni fundamento carent. Deus nullam creaturam infinitam producit neque ab ulla argumento ostendi potest nec assignari potest in quo ea differat ab ipso.

O autor [diz] que esta sentença: Deus produziu algumas coisas mediatamente e outras imediatamente, está concorde com os cabalistas. Daqui se trata sucessivamente sobre algum primeiro exórdio [*de principiatio quodam primo*] que Deus fizera emanar [*effluere*] de Si mesmo, e mediante isso, as outras coisas foram produzidas em série e em ordem; e isto soem [os cabalistas?] proclamar através de vários nomes: Adão Cadmon, Messias, Cristo, Λόγος [*Lógos - Verbo*], Verbo, primogênito, primeiro homem, homem celeste, condutor, pastor, mediador etc. Darei [noutro lugar] a razão desta asserção. Espinosa conheceu a coisa mesma para que não possas desejar nada para além do nome [somente]. Segue dizendo¹⁴⁶, em segundo lugar, que Deus não pode propriamente ser dito a causa primeira das coisas singulares, a não ser talvez para que distingamos, por essa razão, aquelas coisas das que produziu imediatamente ou, antes, que decorrem [*sequuntur*] de Sua absoluta natureza. Quais sejam, contudo, as que se dizem ter decorrido [*sequi*] da natureza absoluta de Deus, assim explicou¹⁴⁷: Todas as coisas que decorrem [*sequuntur*] da natureza absoluta de qualquer atributo de Deus deveriam existir para sempre e infinitamente, ou, por causa desse mesmo atributo, serem elas mesmas eternas e infinitas. Estas [proposições recolhidas] de

¹⁴⁶ *Ética*, 1.^a parte, escólio da prop. 28.

¹⁴⁷ *Id. ibid.*, prop. 24.

Espinosa que o autor [apresenta] carecem de qualquer fundamento. Deus não produziu nenhuma criatura infinita, nem se pode demonstrar [isso] por nenhum argumento, nem se pode apontar em que ela seja diferente disso.

Nam quod sibi imaginatur Spinoza ex quovis attributo peculiarem prodire infinitam rem, ex extensione infinitum quoddam [extensum], ex cogitatione infinitum quemdam intellectum, oritur ex varia imaginatione de divinis quibusdam attributis heterogeneis velot cogitatione et extensione, et innumeris aliis fortasse. Nam revera extensio non est attributum per se cum non sit nisi repetitio percipientium.

De fato, Espinosa imagina para si mesmo que uma coisa peculiar infinita procede de algum atributo [qualquer]: da extensão [procede] algum infinito [extenso¹⁴⁸]; do pensamento [cogitatio] [procede] algum intelecto infinito, [estes atributos] nascem a partir da variada imaginação sobre alguns atributos divinos heterogêneos como o pensamento e a extensão, e talvez inúmeros outros. Assim, na verdade, a extensão não é um atributo per se, uma vez que não é senão a repetição das percepções [percipientium].

Extensum infinitum non nisi imaginarium est. Cogitans infinitum est ipse Deus. Necessaria et quae ex infinita Dei natura sequuntur, sunt aeternae veritates. Creatura particularis ab alia producitur, at haec rursus ab alia. Sic ergo non concipiendo veniretur ad Deum si progressus in infinitum fingeretur, et tamen revera non ultima minus quam alia anterior a Deo pendet

O infinito extenso não é senão [algo] imaginário. O pensador infinito [cogitans infinitum] é o próprio Deus. As coisas necessárias e que decorrem [sequuntur] da natureza infinita de Deus são as verdades eternas. Uma criatura particular é produzida por alguma outra, e esta, por sua vez, [é produzida] por outra. Pensando dessa forma, portanto, não se chegará a Deus se se produzir um progresso

¹⁴⁸ O texto reportado por Foucher de Careil nesta parte é confuso, nele lemos *ex extensione infinitum quoddam extensione*, esta derradeira palavra não tem qualquer razão de ser, parece que alguém transcreveu alguma coisa errada aí. Resolvemos usar a forma que Leibniz anota no parágrafo seguinte: *Extensum infinitum non nisi imaginarium est*, que parece estar relacionada a esta parte corrompida no texto de Careil. Nossa opção está respaldada pela sentença seguinte *ex cogitatione infinitum quemdam intellectum*, pois vê-se que o ponto de partida e o ponto de chegada estão semanticamente relacionados: *pensamento > intelecto*, assim *extensão > extenso*. No texto latino optamos por fazer a substituição entre colchetes, até que possamos ter acesso ao texto que será disponibilizado pelo *Leibniz archiv*.

ao infinito [*in infinitum*]; e, todavia, de fato, a última [criatura] não é menos dependente de Deus do que aquela que lhe é anterior.

Ait Tatianus in oratione ad Graecos spiritum inesse stellis angelis stirpibus aquis hominibus et quamvis unus et idem sit, differentias in se habet. Sed hanc ego doctrinam minus probo. Est error de anima mundi per idem diffusa et quae instar aeris in organis pneumaticis pro diversis fistulis diversos sonos facit: ita fracta fistula cessabit illic anima redibitque in animam mundi. Des sciendum est tot esse substantias incorporeas, vel si mavis animas, quot sunt machinae organicae naturales. Sed quod ait Spinosa, Eth. p. 2, schol. prop. 13: Omnia quamvis diversis gradibus animata tamen sunt, alia mirabili sententia nititur, nam, inquit, cuiusque rei datur necessario idea in Deo cuius Deus est causa eodem modo ac humani corporis idea. Sed plane ab omni specie rationis alienum est animam esse ideam. Ideae sunt aliquid mere abstractum ut numeri et figurae nec agere possunt. Ideae sunt abstractae et universales: idea animalis est possibilitas, et illusio est animas immortales dicere, quia ideae sunt aeternae, quasi globi anima aeterna diceretur quia idea sphaerici corporis aeterna est. Anima non est idea, sed fons innumerabilium idearum. Habet enim praeter ideam praesentem activum aliquid seu productionem novarum idearum. At secundum Spinsam quovis momento

Taciano diz no seu **Discurso aos gregos** que há algum espírito¹⁴⁹ para as estrelas, os anjos, as plantas, as águas, os homens e ainda que seja um só e mesmo [espírito], possui em si diferenças. Mas eu não aprovo de maneira alguma esta doutrina. Existe o erro a respeito de que a alma do mundo estaria difundida por igual e que, à semelhança do ar nos órgãos respiratórios produz sons diversos de acordo com a diversidade de flautas. De modo que, se a flauta se quebrar ali cessará a alma¹⁵⁰ [que] voltará para a alma do mundo. No entanto, deve-se saber que há tantas substâncias incorpóreas (ou se preferir *almas*), quantas forem as máquinas orgânicas naturais. Mas aquilo que diz Espinosa¹⁵¹: Todas as coisas, se bem que em diversos graus, são animadas; outras coisas baseiam-se em uma razão miraculosa, pois, [como] afirma: surge uma ideia de alguma coisa em Deus necessariamente, [e] cuja causa seja Deus do mesmo modo que a ideia do corpo humano. Mas, sem nenhuma dúvida, distante de qualquer aparência de razão é estranho [afirmar] que a alma é uma ideia. As ideias são algo meramente abstrato tal como o número e as figuras e tampouco podem agir. As ideias são

¹⁴⁹ No texto latino reportado por Foucher de Careil, lemos *spiritus*, mas a construção *Ait Tatianus* exige acusativo com infinitivo, por isso corrigimos o temos para *spiritum*.

¹⁵⁰ A palavra latina *alma* possui mais sentido que em português, um deles é o de *sopro, vento, ar*. Leibniz aqui faz um jogo de palavras para relacionar a *anima mundi* com a *anima* que produz o som na flauta, que optamos por manter na tradução.

¹⁵¹ **Ética**, 2.^a parte, escólio da prop. 13.

alia erit anima quia mutato corpore alia est corporis idea. Hinc non mirum si creaturas pro modificationibus evanidis habet. Anima ergo est aliquid vitale seu continens vim activam.

abstratas e universais: a ideia de um animal qualquer é uma possibilidade, e é uma ilusão dizer que as almas são imortais, porquanto as ideias sejam eternas, é quase como se dissesse que a alma de um globo é eterna, porquanto a ideia de um corpo esférico seja eterna. A alma não é uma ideia, mas sim a fonte de inumeráveis ideias. De fato, ela tem, além da ideia presente, algo ativo ou produtor de novas ideias. Mas, segundo Espinosa, em algum momento a alma será outra, pois que, quando o corpo mudar, haverá outra ideia de corpo. Daqui não é de admirar-se se ele dispuser as criaturas, segundo modificações efêmeras. A alma, portanto, é algo vital ou que contém uma força ativa.

Ait Spinoza, Eth., p. 1, prop. 16: Ex necessitate divinae naturae infinita infinitis modis (hoc est omnia quae sub intellectum infinitum cadere possunt) sequi debent. Sententia falsissima et idem est hic error cum eo quem Cartesius insinuavit, materiam successive omnes formas suscipere. Spinoza incipit ubi Cartesius desinit: *in naturalismo*. Idem male, Ep. 58, mundum divinae naturae effectum esse, etsi pene addat non esse factum fortuita. Datur medium inter necessaria et fortuita, nempe liberum. Mundus est effectus Dei voluntarius sed ob rationes inclinantes seu praevalentes. Et licet fingeretur mundus perpetuus, tamen necessarius non foret. Potuisset Deus aut non aut aliter creare, sed non erat facturus. Putat, Ep. 49, Deum ea necessitate mundum producere qua se intelligit. Sed respondendum est multis modis res

Espinosa afirma¹⁵² que, por uma necessidade da divina natureza, os infinitos devem derivar de infinitos modos (isto é, tudo aquilo que pode ficar debaixo [do juízo] de um intelecto infinito). [Esta é] uma opinião de todo falsa e o mesmo vale para este erro que Descartes insinuou, [a saber,] que a matéria, sucessivamente, recebera todas as formas. Espinosa começa onde Descartes parou: *no naturalismo*. Isto também está mau (**Epist.** 58): o mundo é um efeito da natureza divina, mesmo que quase acrescente que isso não é um fato devido ao acaso [*fortuita*]. Há um meio entre as coisas necessárias e fortuitas, justamente aquilo que é livre. O mundo é um efeito voluntário de Deus, mas por causa de razões inclinantes e prevalentes. E à medida que se imagine que o

¹⁵² **Ética**, 1.^a parte, prop. 16.

esse possibile, at ut se non intelligeret, impossibile erat. Spinoza porro ait, Eth. p.1, schol. prop. 17, Scio plures esse qui putant se demonstrare posse ad Dei naturam summum intellectum et liberam voluntatem pertinere nihil enim perfectius agnoscere se aiunt quod Deo tribuere possunt quam id quod in nobis summa perfectio est... [Porro tametsi Deum actu summe intelligentem concipiant, non tamen credunt, eum posse omnia, quae actu intelligit, efficere ut existant; nam se eo modo Dei potentiam destruere putant. Si omnia, inquit, quae in eius intellectu sunt, creavisset, nihil tum amplius creare potuisset, quod credunt Dei omnipotentiae repugnare.] Ideo maluerunt deum ad omnia indifferenter statuere nec aliud creantem praeter id quod absoluta quadam voluntate statuit creare. Verum ego me satis clare ostendisse puto [vide pro. 16] a summa Dei potentia [sive infinita natura, infinita infinitis modis, hoc est, omnia necessario effluxisse vel semper eadem necessitate sequi (ut supra)] omnia eadem necessitate sequi, eodem modo ut ex natura trianguli [ab aeterno et in aeternum] sequitur eius tres angulos aequari duobus rectis. Ex initio horum verborum patet Spinosam Deo non tribuere intellectum et voluntatem. Recte negat Deum esse indifferentem et absoluta voluntate aliquid statuentem: statuit voluntate rationibus innixa. Res ex Deo sequi, ut proprietates ex triangulo, nullo argumento comprobatur neque analogia est inter essentias et res existentes.

mundo seja perpétuo, ele já não seria mais necessário. Deus poderia criar de alguma outra forma, ou mesmo não criar, mas Ele não haveria de fazer. Ele supõe (Epíst, 49) que Deus produziu o mundo com a mesma necessidade com a qual Ele mesmo Se entende. Mas deve-se responder que há coisas possíveis de muitas maneiras diferentes, mas que Ele não Se entendesse é algo impossível. Espinosa diz a seguir¹⁵³: “Sei que há muitos que se supõem capazes de demonstrar que o intelecto sumo e a vontade livre pertencem à natureza de Deus, pois dizem que não conhecem nada de mais perfeito que possa atribuir-se a Deus a não ser o que é em nós a suprema perfeição. [Além disso, embora concebam Deus sendo em ato sumamente inteligente, nem por isso supõem que Ele possa tornar existente tudo o que o Seu intelecto abrange, por julgarem que desta maneira se destruiria o poder de Deus. Se, dizem, tivesse criado tudo o que existe no seu intelecto, nesse caso não teria podido criar nada mais, o que creem repugnar à onipotência de Deus.] E, por isso, preferiram admitir um Deus indiferente a tudo e não criando senão o que decretou criar por uma espécie de vontade absoluta. Tenho, porém, para mim que demonstrei assaz claramente [vide propos. 16 que do sumo poder de Deus, [ou, por outras palavras, da Sua natureza infinita, dimanada necessariamente, ou resulta sempre com a mesma necessidade, uma infinidade (como acima: [de coisas numa infinidade de modos]]]

¹⁵³ *Ética*, 1.^a parte, Escólio da prop. 17. As partes que aparecem entre colchetes são do texto de Espinosa, mas foram omitidas por Leibniz em sua transcrição.

tudo dimanar com a mesma necessidade; do mesmo modo que da natureza do triângulo resulta [de toda a eternidade e para a eternidade] que os seus três ângulos são iguais a dois retos.” Desde o início destas palavras fica evidente que Espinosa não atribui a Deus intelecto e vontade. Corretamente ele nega que Deus seja indiferente e que decreta alguma coisa por uma vontade absoluta; estabeleceu [tudo isso] por uma vontade apoiada sobre coisas razoáveis. As coisas dimanam de Deus, como as propriedades dimanam do triângulo, não se pode comprovar por nenhum argumento nem é uma analogia entre as essências e as coisas existentes.

Idem schol. ad prop. 17 vult intellectum et voluntatem Dei cum nostro solum nomine convenire, nam nostrum esse posteriorem rebus, Dei priorem, sed hinc non sequitur solo nomine convenire. Alibi tamen dicit cogitationem esse attributum Dei et ad illam referendos particulares cogitandi modos. Eth. p. 2, prop. 1. Sed tunc putat autor eum loqui de verbo Dei externo quod, Eth. p. 5, mens nostra pars intellectus infiniti.

A mesma coisa no escólio da proposição 17: ele quer que o intelecto e a vontade de Deus só concordem com o nosso no nome, pois o nosso seria posterior às coisas, [ao passo que o] de Deus [é] anterior, mas daqui não decorre que só concordem no nome. Noutra lugar, contudo, ele diz que o pensamento [*cogitatio*] é um atributo de Deus e que a esse pensamento devem se referir os modos particulares do ato de pensar [*cogitandi*]¹⁵⁴. Mas, então, o autor pensa que ele esteja falando da palavra externa de Deus, pois [Espinosa diz]¹⁵⁵ que nossa mente é uma parte do intelecto infinito.

Mentem humanam ait Spinoza (Eth. p. 5, prop. 23, demonstr.), non posse cum corpore

Espinosa diz¹⁵⁶ que a mente [alma] humana não poderia ser absolutamente destruída

¹⁵⁴ *Ética*, 2.^a parte, prop. 1.

¹⁵⁵ *Ética*, 5.^a parte, escólio da prop. 40

¹⁵⁶ *Ética*, 5.^a parte, prop. 23, demonstração.

absolute destrui, sed eius aliquid remanere quod aeternum est: id autem ad tempus non referri adeoque durationem inquit menti nisi durante corpore non tribuimus. Et in schol. subseq. ait, Est haec idea, quae corpus essentiam sub specie aeternitatis exprimit, certus cogitandi modus qui ad mentis essentiam pertinet quique necessario aeternus est, etc. Haec illusoria esse oportet. Haec idea est qualis figura sphaerae cuius aeternitas nihil praeiudicat existentiam, cum sit ipsa possibilitas idealis sphaerae. Itaque nihil est quod dicitur mentem nostram quatenus corpus sub aeternitatis specie involvit aeternam esse, pariterque aeterna erit quia aeternas veritates de triangulo intelligit. Mens nostra non durat nec tempus refertur ultra actualem corporis existentiam. Ita Spinoza d. l. qui eam cum corpore perire putat quia iudicavit ipsum corpus unicum semper manere etsi transformetur.

Addit autor: quod mentes in alia et alia corpora migrent varias domos et habitacula aeternitatis nusquam a Spinoza diserte proditum lego, inferri tamen ex eius sententia posset. Sed errat noster. Eadem anima Spinosae non potest esse idea corporis alterius ut figura sphaerae non est figura cylindri. Spinosae anima adeo fugax est, ut

com o corpo, mas que algo dela permanece, pois é eterno. Isso, no entanto, não se refere ao tempo como ele diz: “Não atribuímos à mente [alma] duração senão enquanto dura no corpo”. E diz no escólio seguinte: “Essa ideia que exprime a essência do corpo, do ponto de vista da eternidade, é um certo modo de pensar, que pertence à essência da mente [alma] e que é necessariamente eterno etc”. Essas coisas devem ser ilusórias. Essa ideia é como a figura da esfera cuja eternidade em nada prejudica a existência, pois ela mesma [a esfera real] é a possibilidade da esfera ideal. Assim, não há com dizer que nossa mente [alma], à medida que envolva o corpo do ponto de vista da eternidade, seja eterna; em igual medida, seria eterna por entender as verdades eternas sobre o triângulo. Nossa mente [alma] não dura nem se refere ao tempo para além da existência atual do corpo¹⁵⁷. Assim, Espinoza diz: quem pensa que ela pereça juntamente com o corpo¹⁵⁸, pois ele mesmo julgou que um único corpo permanece ainda que seja transformado.

Acrescenta [ainda] o autor: que as mentes [almas] migrem para outros e outros corpos [por] várias mansões e habitações da eternidade não li que Espinoza tivesse jamais claramente proferido [isso]; no entanto, pode ser deduzido a partir de sua sentença. Mas nosso autor está errado. A mesma alma para Espinoza não pode ser a ideia

¹⁵⁷ Espinoza no fim do escólio da prop. 23 da 5.^a parte diz: “Logo, pode dizer-se que a nossa alma dura e que a sua existência é definida por um determinado tempo só na medida em que envolve a existência atual do corpo”.

¹⁵⁸ **Ética**, 5.^a parte, escólio da prop. 39. Aqui Espinoza afirma que na alma há alguma coisa que perece junto com o corpo, mas que algo há que permanece.

nec ad momentum existat, nam et corpus idea manet. Spinoza, Eth. p. 5, prop. 21, ait memoriam et imaginationem cum corpore evanescere. Sed ego censeo semper aliquam imaginationem et memoriam manere et sine illis animam nullam fore. Neque putandum est mentem existere sine sensu seu anima. Ratio sine imaginatione et memoria est consequentia sine praemissis. Aristoteles etiam putavit durare *νοῦν*, mentem, seu intellectum agentem, non anima. Sed ipsa etiam anima agit et mens patitur.

Ait Spinoza (Tr. de Emendat. intell. 384), veteres numquam quod sciam conceperunt uti nos hic animam secundum certas leges agentem et quasi aliquod *automa* (voluit dicere automaton) spirituale. Hoc autor de sola anima non de mente interpretatur, et animam agere secundum leges motus et causas externas. Deerrarunt ambo, animam dico sponte agere et tamen ut automaton spirituale, idque et de mente esse verum. Non animam minus quam mentem ab exteriorum impulsibus immunem esse et non animam magis quam mentem determinate agere, ut in corporibus omnia fiunt per motus secundum leges potentiae, ita in anima omnia fiunt per conatus, seu desideria secundum leges boni. Consentiant duo regna. Interim verum est quaedam

de um outro corpo assim como a figura de uma esfera não é a figura de um cilindro. A alma para Espinosa é especialmente fugaz, que não existe sequer por um breve momento, pois o corpo também é uma ideia. Espinosa¹⁵⁹ diz que a memória e a imaginação desaparecem com o corpo. Mas eu considero que sempre permanece alguma imaginação e memória e sem elas nenhuma alma teria existido. Nem se deve pensar que a mente exista sem a sensação ou sem a alma. Uma razão sem imaginação e memória é como uma consequência sem premissas. Aristóteles também pensava que era o *νοῦν*, [*nun*, isto é] a mente ou o intelecto agente, que permanecia, não a alma. Mas a própria alma atua e a mente padece.

Diz Espinosa¹⁶⁰ que os antigos nunca, que eu saiba, conceberam, como nós aqui, a alma agindo segundo leis certas e como algum *automa* [ele queria dizer autômato] espiritual. Isso o autor interpreta somente da alma, não da mente e ainda [afirma] que a alma age segundo leis de movimento e causas externas. Ambos erraram, eu sustento que a alma age espontaneamente e, apesar disso, [age] como um autômato espiritual, e que isso é a verdade a respeito da mente. [Sustento ainda] que a alma não é menos imune aos impulsos externos do que a mente e [ainda] que a alma age mais determinadamente do que a mente, como nos corpos todas as coisas se fazem por movimento segundo as leis da potência,

¹⁵⁹ *Ética*, 5.^a parte, prop. 21.

¹⁶⁰ *Tratado da Reforma do entendimento*, § 85.

in anima sic esse ut non nisi per externa adaequate explicari possint et eatenus anima obnoxia est externis, non influxu physico sed, ut sic dicam, morali, quatenus nempe Deus in condenda mente magis ad alia quam ipsam respexit. Nam ipse in unoquoque condendo et conservando respicit ad alia omnia.

Voluntatem autem male appellat conatum cuiusque rei persistendi in esse suo. Voluntas enim ad specialiora, modumque existendi perfectiorem tendit. Conatum male ait ipsam esse essentiam, cum essentia sit semper eadem, conatus vero variant. Affirmationem esse conatum mentis perseverandi in esse suo, et est conservandi ideas suas, non admitto. Habemus hunc conatum etiam cum nil affirmamus. Praeterea apud Spinosam mens est idea, non habet ideas. Male etiam putat affirmationem et negationem esse volitionem, cum tamen haec praeterea rationem boni involvat.

assim na alma todas as coisas se fazem através do esforço, ou por desejos segundo as leis do bem. Dois reinos estão de acordo. No entanto, é verdade que há algo na alma que não pode ser tão adequadamente explicado a não ser por coisas externas e até onde a alma está submetida a coisas externas, não por impulso físico, mas, por assim dizer, moral, porquanto Deus, de fato, quando criou a mente, olhou mais para as outras coisas do que para ela mesma. De fato, Ele ao criar e conservar cada coisa olhou para todas as outras coisas.

[Nosso] autor chama erradamente de vontade ao esforço [*conatum*] de qualquer coisa em persistir em seu [próprio] ser. A vontade tende, com efeito, a coisas mais especiais e a um modo perfeito de existir. Ele disse erradamente que o esforço é a própria essência, visto que a essência é sempre a mesma, ao passo que o esforço varie. Não admito a afirmação de que é o esforço da mente em perseverar em seu [próprio] ser, quer dizer, de conservar suas ideias. Temos esse mesmo esforço ainda quando nada afirmamos. Ademais, segundo Espinosa, a mente é uma ideia, não tem ideias. Ainda aqui pensa erradamente que a afirmação e a negação são uma volição, e esta envolva, ademais, uma razão do bem.

Spinoza (Ep. 2, Oldenb.) voluntatem ait differre ab hac vel illa volitione, ut albedinem ab hoc vel illo albo: itaque voluntatem non esse causam volitionis ut humanitas non est causa Petri et Pauli. Causa igitur alia egent volitiones particulares. Voluntas est tantum ens rationis. Haec Spinoza. - Sed voluntatem nos accipimus pro potentia volendi, cuius exercitium est volitio. Ergo utique per voluntatem volumus, sed verum est aliis causis specialibus opus esse ad determinandam voluntatem, nempe ut certam producat volitionem. Certo modo modificanda est. Voluntas ergo ad volitiones non se habet ut species vel speciei abstractum ad individua. Errores non sunt liberi nec actus voluntatis, etsi saepe per liberas actiones ad errores nostros concurramus.

Dein Spinoza (Tract. polit., c. 2 n.º 6) «Homines inquit in natura velut imperium in imperio (*Malcuth in Malcuth* addit autor) concipiunt. Nam mentem humanam a nullis causis naturalibus statuunt produci sed a Deo immediate creari a reliquis rebus adeo independentem ut absolutam potestatem habeat se determinandi et ratione recte utendi. Sed experientia satis superque

Espinoza¹⁶¹ diz que a vontade difere desta ou daquela volição, tal como a brancura [defere] deste ou daquele branco; de modo que a vontade não é a causa da volição, assim como a humanidade não pode ser a causa de Pedro ou Paulo. As volições particulares, pois, carecem dalguma outra causa. A vontade é tão só um ente de razão. Estas coisas são de Espinoza. Mas nós tomamos a vontade pela potência do querer¹⁶², cujo exercício é a volição. De toda forma, portanto, nós queremos através da vontade, mas é verdade que são necessárias outras causas especiais para determinar a vontade, para que, evidentemente, produza uma certa volição. Deve ser modificada de um modo preciso. A vontade, portanto, não está para as volições assim como a espécie ou a abstração da espécie para as coisas individuais. Nem os erros nem o ato de vontade são livres, ainda que concorramos para nossos erros através de ações livres.

Finalmente, Espinoza diz que «concebem os homens na natureza como um império dentro de um império (*Malcuth in Malcuth*, acrescenta o autor). Julgam, com efeito, que a alma humana, longe de ser produzida por causas naturais, é imediatamente criada por Deus, e independente das demais coisas, a tal ponto que tem poder absoluto para se determinar a si

¹⁶¹ Na carta 2 a Oldenburg, escrita provavelmente em setembro de 1661, Espinoza abre a carta explicando sua visão sobre Deus e Seus atributos que devem ser infinitos; demonstra os erros que ele vê em Descartes e Bacon sobre a percepção da alma humana; por fim, aduz o argumento que Leibniz nos apresenta a seguir. Cf. SPINOZA. **Obras completas**, vol. II. Trad.: J. Guinsburg & Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 29-32. (V. também: Coleção Os Pensadores: SPINOSA. **Correspondência**. Trad.: Marilena Chauí. 3.ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.367-8.)

¹⁶² Aqui poderia ser também *potência volitiva*, mas optamos por *potência do querer* por parecer-nos mais fiel ao texto leibniziano.

ostendit, quod in nostra potestate non magis sit mentem sanam quam corpus sanum habere.» Haec ille. - Mea sententia quaelibet substantia est imperium in imperio, sed exacte rebus caeteris conspirans: nullum ab alio quocumque praeter Deum influxum accipit, sed tamen ab aliis omnibus sed per Deum autorem dependet: immediate a Deo prodit, et tamen aliis rebus consentanea producitur: caeterum non omnia sunt aequae in nostra potestate. Nam magis huc vel illuc inclinamur. Malcuth seu regnum Dei nec divinam nec humanam libertatem tollit, sed indifferentiam aequilibrum quam statuunt, qui rationes actionum suarum, quas non intelligunt, nullas esse putant.

Spinosa putat mentem valde firmari si quae fiunt necessario fieri intelligat: sed hoc coactu patientis animum contentum non reddit, neque ideo minus malum suum sentit. Felix est si intelligat bonum ex malo sequi et quae fiunt nobis optima esse, si sapimus.

Ex his etiam intelligitur quae Spinosa de amore Dei intellectuali habeat (Eth. p. 5⁹¹, prop. 28), nonnisi ad populum phaleras esse cum in Deo

mesma e para usar retamente a razão. Mas a experiência ensina mais que suficientemente que não está em nosso poder ter uma alma sã mais que um corpo são». Diz ele estas coisas. Na minha opinião, qualquer substância é um império dentro de um império, mas concordando exatamente com as outras coisas; nada recebe algum influxo de algum outro que não Deus, mas, todavia, depende de todas as outras coisas, no entanto, através de Deus [seu] autor; sai imediatamente de Deus, e contudo é produzida conforme a outras coisas; ademais, nem todas as coisas estão igualmente sob nosso poder. Pois nós somos mais inclinados para aqui ou para ali. A Malchuth ou o Reino de Deus não tira a liberdade nem divina nem humana, mas a indiferença do equilíbrio que estabelecem, aqueles que, não entendendo as razões de suas ações, supõem que elas nada sejam.

Espinosa pensa que a mente muito se firma se entenda as coisas, que acontecem, aconteçam necessariamente; mas isto, por coação, não torna o espírito do paciente mais contente, nem, por isso, sente menos o seu próprio mal. Será feliz se entender que o bem decorre do mal e se compreendermos que as coisas que acontecem são as melhores para nós.

Destas coisas também se entendem as coisas que Espinosa entende sobre o amor intelectual de Deus, exceto se for para engano

⁹¹ Aqui, no texto latino de Leibniz, indicou-se a parte 4.^a da *Ética*, mas, é na parte 5.^a onde se trata do amor intelectual. [N. do T.]

omnia bona malaque indiscriminatim necessario producente nihil est amabile, verus Dei amor fundatur non in necessitate sed bonitate.

Spinoza (De Emend. intell., p. 388) ait rerum particularium id est talium quarum existentia nullam habet connexionem cum earum essentia quaeque proinde aeternae veritates non sunt, nullam dari scientiam, sed tantum experientiam. Haec pugnat cum iis quae alibi dixerat, omnia necessaria esse, omnia necessario fluere ex divina essentia. Idem (p. 2 Eth. schol. prop. 10), oppugnat eos, qui naturam Dei ad essentiam rerum creaturarum, spectare aiunt et tamen alibi statuerat res sine Deo nec esse nec concipi et ex ipso necessario oriri. (Part. 1, Eth. prop. 21.) Contendit causa ea finita et temporalia a causa infinita immediate non produci, sed (pro. 28) produci ab aliis singularibus et finitis, sed quomodo ergo tandem a Deo oriuntur? Nam nec mediate ab eo oriuntur hoc modo quia numquam ad ea pervenietur, quae non similiter ab alio finito. Non igitur dici potest Deum mediantibus causis secundis agere, nisi producit causas secundas. Dicendum ergo potius Deum producere substantias non earum actiones ad quas solum concurrunt.

quando nada seja amável em Deus, produzindo por necessidade todas as coisas boas e más indiscriminadamente, o verdadeiro amor de Deus está fundado não na necessidade, mas na bondade.

Espinosa¹⁶³ diz que não se dá o conhecimento, mas tão só a experiência das coisas particulares, quer dizer, semelhantes cuja existência não tenha nenhuma conexão com qualquer essência delas, pois que não são verdades eternas. Isso vai de encontro ao que dissera alhures: todas as coisas são necessárias, tudo flui necessariamente a partir da divina essência. O mesmo confuta¹⁶⁴ aqueles que dizem que a natureza de Deus diz respeito à essência das coisas criadas e ainda alhures disse que as coisas sem Deus nem poderiam existir nem serem concebidas e que necessariamente nascem a partir d'Ele¹⁶⁵. Sustenta que aquelas coisas finitas e temporais não podem ser produzidas imediatamente por uma causa infinita, mas¹⁶⁶ são produzidas por outras [coisas] singulares e finitas, no entanto, como, portanto, originam-se de Deus? Porquanto nem mediatamente nascem d'Ele, deste modo; porque nunca se chegará a elas, que [são produzidas] não da mesma forma [senão] por outro finito. Portanto, não se poderá dizer que Deus aja através de causas segundas, senão que produz as causas segundas. Digo, pois, melhor: Deus produz as substâncias, [mas]

¹⁶³ **Tratado da Reforma do Entendimento**, § 100.

¹⁶⁴ **Ética**, 2.^a parte, escólio da proposição 10.

¹⁶⁵ **Ética**, 1.^a parte, proposição 21.

¹⁶⁶ **Ética**, 1.^a parte, proposição 28.

não as ações delas, para as quais somente concorre.

Autor incommoda Cabalae non aliter excusat § 5, quam quod sint omni philosophiae communia, etiam Aristotelicae et Cartesianae, et ideo etiam Cabalisticis doceri posse. Allegat deinde quod Aristoteles creationem et providentiam neget, unam intelligentiam in tota specie humana statuatur, Cartesius causas finales tollat. Putat autor (Scholium) in Academiis Aristotelem doceri iussisse.

Putat autor veteres voluisse ut philosophia in scholiis doceretur quae possit a Theologis corrigi et impugnari, ne quis per omnimodam Theologiae cum philosophia conpirationem seductione diaboli (si displicet, autor irridens loquitur) per omnimodam Theologiae cum philosophia conpirationem in hanc cogitationem incidat, Religionem Christianam esse opus rationis. Haec noster quae irrisoria mihi videntur. Quanto magis ratio conspirat Religioni, tanto melius omnia habentur. Supererunt tamen sempre quaedam revelata, quae sunt facti et Historiae et Rationi aliquid superaddunt. Et hoc praetextu hostem admitti, ne nimis amico consentire videamur, insulsum fuerit.

Theologiam nec a philosophia opem petere nec detrimentum pati autor putat p. 77. Male. Philosophia et Theologia sunt duae veritates inter se

O autor, diversamente, não excusa as coisas incômodas da Cabala (§5), que são comuns a toda filosofia, inclusive aristotélica e cartesiana, e por isso também pode-se ensinar aos cabalistas. Ademais, alega que Aristóteles negue a criação e a providência e que [ele] estabeleça uma só inteligência em toda a espécie humana; [diz ainda] que Descartes elimina as causas finais. Pensa o Autor (escólio) que Aristóteles deveria ser ensinado nas academias.

Pensa o autor que os antigos queriam que fosse ensinada nas escolas uma filosofia que pudesse ser corrigida e atacada pelos teólogos, para que quem caia neste pensamento através de qualquer conspiração da teologia com a filosofia (se desagrada, o autor fala sorrindo), através de qualquer conspiração da teologia com a filosofia, por sedução do Diabo, não pense que a religião cristã seja uma obra da razão. Estas coisas [fala] o nosso [autor] que me parecem irrisórias. Quanto mais a razão se enrosca com a religião tanto melhor se acham todas as coisas. Fica ainda sempre algumas coisas reveladas, que são de fato algo acrescentado à história e à razão. E, com este preceito, parecemos admitir o inimigo, e não consentir com o amigo, seria estupidez.

Nosso autor pensa que a teologia não precisa pedir nada à filosofia, sem sofrer nenhum dano. Isso está errado. A filosofia e a teologia

consentientes nec verum pugnare potest, et ideo si Theologia vera philosophiae pugnet, falsa foret. Philosophiam ait niti fundamento sceptico, ratione nempe respectiva qua homines res ex hypothesi concipiunt: quasi vero philosophia vera hypothesibus niteretur. Ait quo magis Theologia gravi suspicione poterit contaminari: imo contra, cum verum vero consentiat, suspecta erit Theologia quae cum ratione pugnat. Dudum explosi Averroistae philosophi saeculi quinti et sexti decimi qui duplicem veritatem statuebant. Contra invecti philosophi Christiani ut conspiracyem philosophiae et Theologiae ostenderent. Male Cartesius libertatem hominis non posse conciliari cum natura Dei.

são duas verdades concordes entre si nem pode opor-se, e, por isso, se a verdadeira teologia se opusesse à filosofia, seria falsa. Diz que a filosofia se apoia num fundamento cético, exatamente na razão respectiva pela qual os homens concebem as coisas por hipótese: como se a verdadeira filosofia se apoiasse em hipóteses. Diz por que mais a teologia e a filosofia discordam, por isso, a teologia poderia ser menos contaminada de uma grave suspeição, ao contrário, quando o verdadeiro esteja de acordo com o verdadeiro, será suspeita a teologia que se oponha à razão. Há tempos, uns filósofos averroístas dos séculos quinze e dezesseis tinham estabelecido uma dupla verdade. Contra eles investiram os filósofos cristãos para mostrarem a concórdia entre filosofia e teologia. Errou Descartes [quando disse] que a liberdade do homem não poderia conciliar-se com a natureza de Deus.

Notat autor doctrinam de Animarum Revivivatu⁹² in corpora a Christo in discipulis, et a Christianis in origine esse toleratam. Sed sciendum est revera nullum esse transitum animae de corpore in corpus, nisi quatenus corpus ipsum insensibiliter mutatur. Metempsychosis foret contra regulam, quod nihil per saltum. Animam de corpore transire in corpus perinde est ac corpus saltu ire de loco in locum nec tamen per intermedia transire.

O autor nota que a doutrina da revivescência das almas para os corpos¹⁶⁷ originalmente foi tolerada por Cristo nos discípulos e pelos cristãos¹⁶⁸. Mas deve-se saber que, de fato, não há trânsito da alma de corpo para corpo, senão até que o corpo mesmo esteja insensivelmente mudado. [Entendo que] a metempsicose seria contra a lei [da natureza], que nada [faz] por saltos. [Para o autor] a alma sai de um corpo para [outro] corpo do mesmo

⁹² Parece que esta palavra foi cunhada por Leibniz, visto que não há ocorrência dela em textos latinos.

¹⁶⁷ Talvez Leibniz se refira à teoria da reencarnação ou da metempsicose.

¹⁶⁸ De fato, na religião judaica admite-se a possibilidade de reencarnação, isso deveria estar ainda presente no espírito dos discípulos de Jesus, o que ele teria tolerado, e que essa mesma teoria reencarnatória teria animado os cristãos primitivos.

modo que um corpo salta de um lugar para [outro] lugar sem, contudo, passar pelos intervalos.

In omnibus his rationis egestas.

Em tudo isso, [há só] carência de razão.